



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GABRIEL CITTON**

**(depoimento)**

**2018**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-853

**Entrevistado:** Gabriel Citton

**Nascimento:** 18/07/1977

**Local da entrevista:** Caxias do Sul – RS

**Entrevistadora:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Data da entrevista:** 06/03/2018

**Transcrição:** Suellen dos Santos Ramos

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos e Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner.

**Total de gravação:** 19 minutos e 58 segundos

**Páginas Digitadas:** 9

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação ao handebol como atleta; Iniciação como técnico de handebol; Experiência na Seleção Brasileira de Handebol em diversas categorias; Presença de público; História do Handebol no Rio Grande do Sul; Handebol de Mulheres; Cidades de destaque no rio Grande do sul; Projeto de visibilidade; Mulheres na arbitragem; Curso de arbitragem.

Caxias do Sul, 06 de março de 2018. Entrevista com Gabriel Citton a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Primeiramente eu gostaria de te agradecer de estar concedendo a entrevista e gostaria que tu iniciasse contando um pouco da tua formação e como que tu iniciou na área do esporte?

G.C. – Bom, na realidade eu comecei jogando, comecei jogando handebol. Eu vou falar que, em 1984, como atleta com seis anos e meio, quase sete e levei como atleta até os meus vinte e três anos... Atleta realmente, treinando muitas vezes todos os dias e quando eu tinha dezesseis anos na escola, eu comecei a querer ser técnico também porque não tinha... Os professores não gostavam de handebol naquele momento, os que estavam na escola, e eu acabei assumindo isso. E daí eu fui... Acabei metade do curso de Economia e acabei trocando nesse meio curso de Economia indo para Educação Física por causa de ser... Eu fazia handebol! Acabei a minha graduação, mas acabei a graduação já fazendo o que eu já pensava em fazer que era ser técnico. Fiz minha especialização em Londrina<sup>1</sup>, também em handebol. Fiz o curso... Na realidade só teve uma vez o curso de técnicos no Brasil, então ficamos... Dois módulos de quinze dias, então praticamente de curso de handebol eu tenho mais de mil horas. Como currículo, currículo esportivo, vamos dizer lá, eu fui técnico da Seleção Brasileira... Auxiliar técnico da Seleção Brasileira sub-16, auxiliar técnico da Seleção Brasileira sub-18, auxiliar técnico da Seleção Brasileira sub-21, que é júnior e auxiliar técnico da Seleção adulta. E aí fui técnico da Seleção Brasileira juvenil, sub-18 em um mundial, atualmente eu sou técnico da Seleção Brasileira de handebol para surdos, masculino e feminino, e sou o coordenador da modalidade porque eu tive que montar e fazer tudo isso sozinho. Tirando isso agora quanto à equipe, então, em Campeonatos Gaúchos a gente... Vários, de várias categorias, no adulto feminino, tirando ano passado, nos últimos nove anos foi nossa equipe que ganhou. Em categorias menores já fomos campeões brasileiros em 2000, 2001 e 2003 campeão brasileiro cadete, sub-16, em 2010 júnior, sub-20. Com os surdos a gente participou de dois Mundiais<sup>2</sup>, jogos Sul-Americanos fomos campeões, então, tem um monte de coisa nesse meio do caminho enquanto títulos, enfim.

---

<sup>1</sup> Município do estado do Paraná.

<sup>2</sup> Campeonato Mundial de Handebol para surdos.

Mas como técnico já atuei aqui na universidade<sup>3</sup>, faz vinte anos que eu estou aqui, vinte e um anos. Trabalhei com algumas cidades de Santa Catarina os Joguinhos Abertos, mas eu ia especificamente para essa... Ficava lá dois meses e voltava. Na Escola Santa Catarina aqui de Caxias também, nas categorias de base que foi onde eu comecei. Então mais ou menos isso nessa parte de trabalho. Comecei através de um professor da escola que me incentivou.

J.K. – Tu lembra o nome dele?

G.C. – Sidinei Libardi<sup>4</sup>. E depois com o Carlos Alberto Fajum<sup>5</sup> que era o professor do curso aqui de handebol também e foi técnico também de muitos anos do feminino.

J.K. – Como técnico tu sempre atuou como equipes femininas e masculinas ou não?

G.C. – 99,9% com equipes femininas. Masculino para tu ter uma ideia, eu trabalhei com um grupo só, nesses vinte anos, um grupo só durante um ano, e olhe lá ainda! Então sempre com a mulheres, e prefiro.

J.K. – Desde quando tu era jogador e hoje como técnico, como é a presença do público?

G.C. – É ruim! Comparado com outras modalidades. Embora Caxias ainda tenha um apelo grande para o handebol. Nós aqui em 2009 participamos pela primeira vez da Liga Nacional, a média de público eram quase mil pessoas. Em 2010 também, nos dois, três primeiros anos foi muito forte, mas como o resultado de quadra interfere em vir gente, e nós não temos um orçamento grande comparado com outras equipes do Brasil, acaba automaticamente se desinteressando o público. A gente ainda consegue ter na equipe adulta, por exemplo, uma média de umas quatrocentas, quinhentas pessoas assistindo, coisa que não acontece no estado todo. Caxias é uma ilha dentro disso.

J.K. – Sim. E hoje quais equipes aqui do Rio Grande do Sul que estão na Liga Nacional?

---

<sup>3</sup> Referência a Universidade de Caxias do Sul

<sup>4</sup> Sidinei Luiz Libardi.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

G.C. – Só a nossa. Estava ano passado, esse ano não vai ter nenhuma porque a gente não vai participar também por falta de orçamento.

J.K. – E quais clubes de handebol tu já trabalhou?

G.C. – Tirando o nosso aqui, que nem eu falei, tirando o nosso aqui, duas prefeituras de Santa Catarina e as Seleções, todas.

J.K. – Mais agora relacionado à história do handebol aqui no Rio Grande do Sul, tu saberia me dizer como a modalidade é inserida aqui no estado?

G.C. – Olha, eu como atleta, como falei, participei desde a década de 1980 e depois no final da década de 1990 como técnico até hoje. Predominantemente em escolas, tirando o nosso clube aqui e o Clube Recreio da Juventude, de Caxias, mais algum outro perdido, o restante é uma escola que pega o nome do clube e participa. Nós, nos últimos cinco anos, que mudou um pouco, senão a gente tinha predominância de uma escola só também, dessa Escola Santa Catarina<sup>6</sup>. Agora com essa mudança que a gente quis fazer de pegar umas atletas de outras escolas e aí tentar fazer uma Seleção, mas é bem difícil acontecer alguma coisa diferente disso no estado, então é predominantemente escolar.

J.K. – Certo. E tu saberia dizer uma pessoa que começou com a modalidade no estado?

G.C. – Eu acho que algumas das pessoas, não sei se o primeiro presidente da Federação<sup>7</sup> foi o Benno Becker<sup>8</sup>? Que eu ouvi falar, mas aí tanto técnico quanto vencedor tem o Celso Giacomini<sup>9</sup> que todo mundo lembra dele como técnico e como o cara que fez a coisa acontecer que na década de 1980. Ele tinha um time adulto muito forte e ele ganhava quase tudo, foi técnico da Seleção Brasileira, enfim. Então acho que a grande figura do handebol do Rio Grande do Sul é o Celso Giacomini e depois, sim, como atleta a própria Bárbara<sup>10</sup> eu

---

<sup>6</sup> Escola Estadual de Ensino Médio Santa Catarina.

<sup>7</sup> Federação Gaúcha de Handebol.

<sup>8</sup> Benno Becker Júnior.

<sup>9</sup> Luiz Celso Giacomini.

<sup>10</sup> Bárbara Elisabeth Arenhart.

acho que seguiu isso quanto gaúcha, embora ninguém lembre que a própria Deonise<sup>11</sup> que está na Seleção Brasileira também é gaúcha de Santa Rosa. Ela jogou com a gente aqui em 2004.

J.K. – Jogou aqui com vocês?

G.C. – Sim, foi vice-campeã brasileira universitária com a gente em 2004.

J.K. – Vocês tem mais alguma atleta daqui que é da Seleção Brasileira?

G.C. – Que passaram por aqui, aí vai longe, aí seguramente mais de trinta atletas já foram para Seleção Brasileira daqui. E de atletas de Seleção Gaúcha mais de quarenta. Então recentemente quem passou por aqui e está fora: A Lígia<sup>12</sup>...

J.K. – A Lígia eu conheci!

G.C. – Ela veio com quatorze anos para cá, fez quinze anos embaixo da arquibancada aqui, ela é do Rio de Janeiro, e saiu daqui e hoje está jogando na Espanha, foi para Polônia agora está na Espanha. A Dani Jóia<sup>13</sup> jogou júnior aqui, ficou três, quatro anos aqui; a Dani Jóia que hoje está no Pinheiros<sup>14</sup> e é Seleção Brasileira. A Karol Souza<sup>15</sup> que não está nessa Seleção agora, mas que foi convocada também saiu daqui para Europa. A Deonise jogou aqui um ano. A Samira<sup>16</sup> que é ponta também jogou aqui dois anos. Tem bastante! Dessa atual Seleção que foi para o Mundial, foram dezesseis atletas, dessas dezesseis atletas eu acho que umas sete passaram por aqui. A gente tem uma tradição legal de vir para cá, de fazer formação aqui ou vir para cá cedo e fazer a transição de juvenil para adulto aqui, a gente tem uma qualidade bem interessante.

---

<sup>11</sup> Deonise Fachinello Cavalheiro.

<sup>12</sup> Lígia Costa Maia da Silva.

<sup>13</sup> Danielle Jóia.

<sup>14</sup> Esporte Clube Pinheiros.

<sup>15</sup> Karoline Helena de Souza.

<sup>16</sup> Samira Pereira da Silva Rocha.

J.K. – Saberria dizer qual foi o período de maior visibilidade do handebol aqui no Rio Grande do Sul?

G.C. – Depende para cada cidade. Exemplo, quando Sapiranga<sup>17</sup> jogou handebol a nível nacional, para Sapiranga foi naquele momento. Para nós foi esse momento em que jogamos a Liga Nacional, nos primeiros quatro, cinco anos, seis. Que nós conseguimos de 2009 até agora ter jogos televisionados pela ESPN, única equipe que tinha uma rádio transmitindo os jogos era a nossa, mas a visibilidade é segmentada. Santa Maria, seguramente na década de 1980 respirava handebol e Caxias não. Então depende da cidade e depende do investimento de cada cidade.

J.K. – Depende das épocas.

G.C. – É, bem isso!

J.K. – Em relação e Federação Gaúcha e a própria Confederação Brasileira, eles tem algum projeto de visibilidade para modalidade que tu conheça?

G.C. – Eu acho que a nível nacional a Confederação deve ter alguma coisa, mas eu não tenho conhecimento do projeto em si. A Federação Gaúcha não tem projeto específico pensando na modalidade enquanto divulgação, não tem, não adianta a gente pensar que existe um processo Não, não tem.

J.K. – E como esporte olímpico como tu vê a participação do Brasil das equipes das mulheres e dos homens?

G.C. – Enquanto resultado eu acho que é além do esperado. O Brasil não vai conseguir resultados melhores do que estão acontecendo agora, atualmente. Primeiro que o dinheiro para qualificação acabou e, segundo, que não se pensou e não se pensa em uma qualificação das equipes aqui do Brasil. Então as atletas vão todas... A gente está terceirizando a preparação para as Olimpíadas, estamos mandando todas elas para fora, para treinarem com

---

<sup>17</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.



as melhores equipes e aí quem sabe se juntando dá uma seleção. A gente não consegue ter um handebol forte aqui no Brasil, aí não vai ter praticamente nenhum técnico brasileiro com condições de ser um técnico de Seleção porque todas elas estão lá fora e os nossos técnicos não estão lá fora. No masculino até agora tinha um baita técnico que era o Jordi<sup>18</sup> que fez um trabalho legal, mas os atletas ficavam aqui e não cresciam. Agora mandaram um monte de gente para fora, conseguiram clubes para os atletas para tercerizar também o masculino para ver se vai ter resultado. Então o handebol brasileiro a nível de Seleção, ele está tercerizado pela Europa. Tanto é que as reuniões das atletas agora tudo é na Europa, tudo acontece lá, então o Brasil nem sabe o que está acontecendo na própria Seleção. O resultado eu acho que está além do normal, nós estamos exportando muitas atletas, principalmente no naipe feminino, está indo muita gente. Algumas com qualificação boa, outras com nem tantas qualificações estão conseguindo ir igual, porque o preço que o brasileiro vai lá e recebe é um preço bem menor do que o europeu vai receber, então, a menina vai para lá ganhar, quinhentos, seiscentos euros. Ela acha que quinhentos, seiscentos euros é que nem no Brasil, aí a menina que está lá na Espanha, ela não vai se sujeitar a ganhar quatrocentos, quinhentos euros, ela vai trabalhar com outra coisa. Tem um mercado grande para quem não tem muito dinheiro e essas atletas estão indo e algumas delas podem vingar, pode dar certo, outras não, mas no meio de cinquenta atletas que daqui a pouco estão lá fora, consegue tirar dez, doze.

J.K. – Em relação a essas competições como as Olimpíadas e o próprio Campeonato Mundial de Handebol, como é a presença das mulheres na arbitragem?

G.C. – Está melhorando agora, está evoluindo um pouquinho, mas a gente não tem visto... Tem algumas no feminino... No Mundial feminino que tu vê mais. No Mundial masculino acho que ainda tem uma resistência, porque eu acho que também existe sim um preconceito, porque no masculino tu pega uns países participantes que eles são bem fechados quanto a isso, então, tu pega lá a própria Rússia que domina um pouco o handebol, os países... O Qatar que é um país da Arábia Saudita, enfim, naquela região ali que daqui a pouco se eles colocarem muitas árbitras mulheres vai ser contra o que eles pensam. No feminino acho que não porque é uma coisa natural e também não tem nenhum país deles tirando a Rússia que seja muito bom; não tem ninguém da Ásia, por exemplo, tirando a Coreia do Sul, que possa

---

<sup>18</sup> Jordi Ribera Romans.

estar reclamando alguma coisa, então, os países da Arábia ali não tem nada. E é uma coisa natural, está acontecendo uma coisa natural, eu acho diferente, eu olho... Não é que eu não gosto. Porque assim, a árbitra ela vai apitar o Mundial feminino, ela pode apitar o feminino; o masculino, pra mim é a mesma coisa. Estão querendo fazer assim: “vamos colocar as mulheres para apitar o Mundial feminino e os homens apitar...” Eu acho que não era por aí o objetivo, não é colocar por cota ou... Não, é por qualificação. Então se ela tem... Se uma dupla tem condições de apitar uma final olímpica, por exemplo, feminina, por que ela não pode apitar uma final olímpica masculina? Então ainda tem isso, está bem viva... No Brasil a gente conseguiu quebrar um pouco esse tabu, mas a nível mundial nem um pouquinho.

J.K. – E voltando à época que tu era atleta, que tu jogava. Já tinham árbitras mulheres?

G.C. – Não. Que eu lembre não. Eu estava fazendo força aqui e não lembrei. Fazendo mesa, como cronometrista, esse trabalho sim, mas como arbitragem eu não lembro.

J.K. – E nas competições que vocês participam aqui no Brasil?

G.C. – Tem, tem. Porque é feminino daqui a pouco, então é uma coisa mais natural tu ver. No masculino não é natural ver.

J.K. – E tu saberia dizer quando foi a primeira vez que teve o curso de arbitragem aqui?

G.C. – Pois eu estava falando antes, eu não tenho esse dado. Em Caxias eu fiz há uns seis anos atrás. Mas provavelmente na década de 1980 tiveram cursos no Brasil e aqui no Rio Grande do Sul para qualificar os primeiros e provavelmente não tinha nenhuma mulher, mas eu não tenho esse dado, não posso...

J.K. – E hoje tu sabe me dizer quais são as mulheres que estão atuando pela Federação?

G.C. – Foi o que nós estávamos falando antes aqui, eu disse três nomes e você lembrou de mais um, são quatro “né”. A Betina<sup>19</sup> e a Carol<sup>20</sup> que são árbitras nacionais; a Marisa<sup>21</sup> e a menina aqui de São Sebastião do Cai<sup>22</sup>, a Priscila<sup>23</sup>. A Marisa já está querendo ir mais para o *beach*, a Priscila também, então tirando essas quatro aqui... É que muita gente não quer ir para o lado da arbitragem porque ou está como técnica ou está como atleta, então, não quer se envolver, mas quem sabe fazendo um trabalho diferenciado teria um mercado grande aí. No meu caso aqui, um monte de atleta nossa que agora, quem sabe, está finalizando na equipe que tem o interesse de fazer o curso para arbitrar. Eu tenho algumas pessoas que fizeram o curso e são mulheres, mas elas não tem o interesse de arbitrar, tem o interesse de conhecimento só.

J.K. – E tu sabe me dizer como funcionam as etapas dos cursos de arbitragem?

G.C. – Eu sei aqui a nível de Federação, regional, depois tem indicação da Federação Gaúcha para levar as árbitras a nível nacional. Aí tu vai fazer um curso, dentro desse curso tu vai ser “A”, “B” ou “C” e aí tu vai galgando dentro do ano, fazendo curso, vai apitando os jogos, vai tendo avaliações dentro desses campeonatos que tu vai, tu vai subindo por gratificações do teu trabalho. E aí a Confederação vai ou não te enviar para fazer um curso intercontinental ou internacional, dependendo do que tu fizer aqui dentro.

J.K. – Dentro do curso são etapas teóricas e práticas? Como funciona?

G.C. – O curso que eu fiz aqui, que a gente fez aqui, que eu pude acompanhar sim. Ele tem bastante teórica, mas tem bastante prática também porque onde tu vai ver se tu realmente sabe é o dia-a-dia, não adianta, muitas vezes tu é da modalidade e tu vir só com a parte teórica, depois na parte prática tu vai se quebrar um pouco, tu vai ter que ter bastante prática.

J.K. – Tu saberia me dizer mais ou menos quantos árbitros no geral tem o quadro da Federação hoje?

---

<sup>19</sup> Betina Görgen.

<sup>20</sup> Caroline Goulart.

<sup>21</sup> Marisa Wasem.

<sup>22</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>23</sup> Priscila Nedel.

G.C. – Tem muitos que já pararam, outros que estão em... Uma hora param, outra hora não param, mas não passa de vinte árbitros. Isso é ruim, porque em atividade nós não temos daqui a pouco dez. E se não tem eles, não tem jogo! Mas precisa evoluir, a Federação eu acho que está buscando evoluir quanto a isso, a quantidade de pessoas para fazer arbitragem, e nisso aí ela não tem problema se é homem, mulher, não tem problema nenhum, só não tem tanta procura.

J.K. – E por que tu acha que se deve essa baixa procura?

G.C. – Olha, não tenho ideia. Porque questão de valores, de pagamento, coisa assim... Talvez seja por causa de valores, mas não sei ao certo. Ou porque a modalidade talvez não tenha uma visibilidade tão grande, não sei, não sei te dizer.

J.K. – Bom, o que eu tinha para te perguntar era isso. Teria mais alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

G.C. – Não, eu acho que é importante que com o teu estudo e tal, tu vê que o handebol nos últimos vinte anos, o gaúcho, quem teve os melhores resultados foi o handebol feminino, de longe. Porém na hora de se pensar nele não se pensa igual, ou ao contrário, deveria se pensar diferente e se pensa igual. Então por aí eu acho que é um grande problema porque nós não estamos sabendo usar o que é de melhor no estado. Nós já fomos campeões brasileiros de seleções, de vários clubes e a gente vira e mexe não consegue evoluir mais, talvez por causa de dedicar um tempo maior no feminino, não só no masculino e no feminino.

J.K. – Sim. Então, era isso! Te agradeço muito por ceder a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]